

SEPÚLVEDA VIVO / PERI SACRIFICADO
Vida e sacrifício: uma construção do discurso colonial

SEPULVEDA ALIVE / PERI SACRIFICED
Life and sacrifice: a construction of the Colonial speech

Águida Assunção e Sá¹
Lúcio Álvaro Marques²

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar a forte influência do pensamento europeu na concepção de mundo presente na construção da identidade indígena ao longo de séculos de dominação na América. O etnocentrismo se manteve vivo após o período colonial, resultando num processo de total aculturação da população indígena. O caminho escolhido para mostrar que essa concepção etnocêntrica do indígena influenciou e ainda influencia o nosso imaginário coletivo foi investigar a conexão entre o pensamento subjacente à argumentação de Sepúlveda na controvérsia de Valladolid, no século XVI, e a construção do personagem indígena Peri, na obra *O guarani*, de José de Alencar, no século XIX. A questão central gira em torno do personagem Peri: por que esse herói, representante legítimo de nossa cultura, é feito escravo do colonizador português na obra de Alencar?

Palavras-chave: Identidade indígena; etnocentrismo; Sepúlveda; José de Alencar; Peri.

Abstract:

This article aims to analyze the strong influence of the European thought in the world conception which is present in the construction of the identity of the Indian along the centuries of colonization in America. The ethnocentrism keeps itself alive after the colonial period, resulting in a total process of acculturation of the indigenous population. The chosen way to show that ethnocentric conception of the Indian has influenced and still influences our collective imaginary was to investigate the connection between the thought that is underlying to the Sepulveda's argumentation in the controversy of Valladolid, in the sixteenth century, and the construction of the indigenous character Peri in the book *O guarani*, by José de Alencar, in the nineteenth century. The question in study centers around the character Peri: why is this hero, the legitimate representative of our culture, a slave of the Portuguese settler in the book of Alencar?

Keywords: Identity of the Indian; ethnocentrism; Sepulveda; José de Alencar; Peri.

ISSN: 2359-1064

¹ Professora da rede básica de Minas Gerais. E-mail: aguidasa.ss@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2148-7095>.

² Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais (DFICS) e no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Educação (PPG Educação). E-mail: lucio.alvaro.marques@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7571-0977>



SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

Introdução

Voltar nosso olhar para o pensamento vigente em séculos anteriores muitas vezes se faz necessário na busca de respostas para muitas questões que ainda nos inquietam em pleno século XXI e fazem parte do nosso cotidiano. O que vivenciamos em nossa sociedade, quem somos, o que é o Brasil hoje são indagações que nos levam a uma reflexão muito profunda acerca do processo de construção de nossa identidade. Processo esse que se inicia no primeiro contato entre partes do mundo que até então estavam separadas. É este o momento crucial que mudaria profundamente os horizontes de ambas as partes, alterando completamente seu panorama histórico e cultural: a investida em um brutal projeto imperialista europeu. “(...) o mundo que era ‘plano’ ficou ‘redondo’, uma verdadeira revolução na compreensão de mundo, um mundo que se abria a tudo, ao mercado, à evangelização, e a um projeto de civilização. (Culleton, 2016)

É o momento em que essas partes – especificamente Europa e Américas nos interessam mais de perto – se entrelaçam, gerando uma série de embates, polêmicas, destruição, imposições numa relação de poder que instaurava a modernidade imperial. Aprofundar nossa reflexão sobre este momento significa mergulhar no pensamento filosófico do século XVI que tem uma grande importância para entendermos muito, por que não dizer, da contemporaneidade. É esse o momento em que, em função de um projeto de poder, cria-se e reforça-se uma concepção de mundo baseada na afirmação das diferenças, o que proporciona, no grande investimento no processo de colonização, inventar o outro, o diferente, o inferior, originando a perversa relação senhor/escravo.

As mudanças históricas produzidas por esse discurso colonial deixaram marcas profundas, impondo a identidade do europeu, gerando destruição, descaracterização de culturas, dizimação de povos inteiros em prol de um projeto de expansão que visava a exploração de riquezas nas novas terras. A visão de mundo imposta se baseou na superioridade fantasista do branco europeu e mudou profundamente os rumos da história: criou conceitos, sobrepôs formas de pensar, impôs sua religião, subjuguou e escravizou povos, legitimou guerras e desconsiderou completamente a alteridade, dentro de um processo ideológico que firmou uma nova identidade para além-mar. O Novo Mundo que surgiu não começou a ser habitado no século XVI, mas esse século instaurou uma dramática ruptura com tudo que existia ali antes (Marques, 2015, p. 29).



SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

A imposição do pensamento europeu se estruturou de tal forma que provocou um processo de profunda aculturação de outros povos, mantendo-se vivo inclusive após o período colonial. A ação colonizadora ou da potência colonial fez surgir os domínios ultramarinos que, por sua vez, difundiram e impuseram uma ideologia de poder.

A potência colonial será considerada a partir dos elementos e decisões políticas do Reino que pesaram sobre os domínios ultramarinos, pois se julga necessário entender os avanços e limites decorrentes da ação colonial para que se possa considerar com certa imparcialidade a situação da colônia, ou seja, os motivos e as razões históricas que configuraram o que somos efetivamente. (MARQUES, 2015, p. 104)

Conceitos inventados e produzidos na colonialidade se perpetuaram através dos séculos e ainda predominam nas relações sociais e econômicas da pós-modernidade, mostrando que o passado está vivo, ao contrário da visão que temos sobre isso. E decisões políticas do Reino, como na célebre controvérsia de Valladolid, modificaram os rumos da história de muitos povos. Nesse cenário, interessa-nos o foco no discurso do problemático Juan Guinés de Sepúlveda, totalmente favorável aos interesses desse Reino.

Essa rápida contextualização se faz necessária para entrarmos na discussão proposta neste artigo³: analisar como a força da postura ideológica do europeu no século XVI, bastante clara na argumentação de Sepúlveda, continuou viva ano após ano e ainda influenciou a visão de mundo em pleno século XIX⁴. Para entender o eurocentrismo ainda

³ A proposta deste artigo surgiu a partir das discussões feitas nas aulas da disciplina *Educação contra a barbárie “escravista”*, ministrada de forma remota pelo prof. Dr. Lúcio Álvaro Marques no curso de mestrado em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – no período de 15/09/2020 a 08/12/2020.

⁴ Não estamos afirmando que Alencar conhecesse ou se baseasse em Sepúlveda para construir o personagem em análise, mas, certamente, a visão de Sepúlveda, e tantos outros, manteve-se *grosso modo* desde o século XVI ao XIX, como se reconhece uma obra como a de J.M. França, *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*.

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

presente na produção literária⁵ desse século, tomamos como exemplo uma obra do escritor José de Alencar, o que nos auxiliará na compreensão da influência do discurso produzido pelo colonizador três séculos antes.

Escolher um humanista do século XVI para discutir como, na construção de um personagem romântico no século XIX, subjaz ainda uma visão europeizada de mundo, foi um dos caminhos para mostrar de que forma os efeitos do pensamento colonial permaneceram vivos no imaginário coletivo.

Nosso intuito, portanto, é fazer essa ponte entre a argumentação de Juan Guinés de Sepúlveda, na controvérsia de Valladolid, e a construção do personagem indígena Peri na obra *O guarani*, do literato José de Alencar. Não se intenciona aqui ligar Alencar ao filósofo Sepúlveda, mas unicamente analisar os ecos do cruel discurso de poder ainda ouvidos séculos depois, buscando respostas para questões instigantes. Como mentalidades de séculos diferentes ainda se aproximam e apresentam elementos comuns? Por que razões o personagem indígena Peri, herói mítico na obra *O guarani*, é construído como um escravo fiel que serve e obedece à senhora branca? Que relações de cunho ideológico podemos entrever entre essa construção e os conceitos de Sepúlveda?

1. Juan Guinés de Sepúlveda e José de Alencar

No século XVI, encontramos a argumentação do filósofo espanhol Juan Guinés de Sepúlveda (1490-1573) que se tornou célebre na “Controvérsia de Valladolid”, uma audiência pública realizada nesta cidade da Espanha com um intenso debate sobre a questão da legitimidade da escravidão dos indígenas pelos espanhóis na América. Ele estudou artes e teologia e se destacava pela erudição nas línguas clássicas. Humanista, grande conhecedor da filosofia aristotélica e polêmico defensor da legitimidade da guerra

⁵ O professor Alfredo Santiago Culleton, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, edição 444 de 02/06/2014, nos diz que “a literatura nos auxilia a pensar os grandes temas humanos.” E ainda: “Literatura não é Filosofia, assim como não o é o Direito ou a Psicanálise. São modos de compreensão do mundo diferentes, porém podem se enriquecer mutuamente. Cada tempo terá que pensar a odisséia de querer construir o próprio destino que o Homero nos propõe; cada tempo terá que pensar como deixar de ser escravo e se tornar livre que o Antigo Testamento nos traz; cada tempo terá que pensar a condenação do inocente; cada tempo terá que pensar a justa condenação; cada tempo terá que pensar a ilusão de um bom combate; cada tempo terá que pensar morrer de amor; cada tempo terá que pensar a injustiça”. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5507-alfredo-santiago-culleton-2> Acesso em 01/12/2020.

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

para a colonização, Sepúlveda justificou o domínio espanhol por aquilo que ele considerava como natural: a inferioridade e a barbárie em que se encontravam os índios.

O debate, convocado pelo imperador Carlos V, foi realizado em duas sessões: a primeira em agosto de 1550 e a segunda em maio de 1551. Nessa controvérsia, a questão girava em torno da tomada de decisão em relação aos índios do Novo Mundo.

O europeu aqui chegou e não tinha parâmetros para dizer quem eram aqueles que eram completamente diferentes dele. São seres humanos, têm alma ou são animais? O fato é que não estavam dentro do círculo considerado civilizado na época. É o outro (alter: o diferente e o alterado, segundo a expressão Mbembe), aquele que não se enquadra na categoria de identidade. O debate se instaura para criar uma nova identidade para esses povos, conforme os interesses dos colonizadores.

No debate, de um lado, Sepúlveda defendia o direito da Coroa em dominar as novas terras e seu povo, tendo como objetivo interesses econômicos e catequéticos. De outro, o bispo Bartolomeu de Las Casas se posicionava de maneira contrária, defendendo os povos indígenas e questionando o direito dos colonizadores de fazerem guerra e dominá-los.

Na polêmica obra *Democrates alter sive de justis belli causis apud Indos*, Sepúlveda trouxe os argumentos necessários para demonstrar o que defendeu no referido debate. Pelo que consta nas leituras feitas, a polêmica não foi concluída e ficou sem vencedor.

A evolução dos acontecimentos nesta cruel investida colonizadora ultramarina, mostra que a argumentação que estava em sintonia com os interesses colonialistas, portanto de Sepúlveda, fundamentou toda a barbárie cometida contra o povo indígena. O que equivale dizer que, na prática, acabou vencendo o debate.

No século XIX, portanto três séculos depois de Valladolid, encontramos a obra literária *O guarani*, do nosso maior escritor romântico José Martiniano de Alencar (1829-1877), publicada antes em forma de folhetim, de janeiro a abril de 1857, e depois lançada em forma de livro no fim deste mesmo ano.

Além de escritor, Alencar foi também político, deputado, ministro da justiça do Segundo Reinado e conselheiro de Estado. De temperamento aristocrático e família conservadora, José de Alencar foi revolucionário em letras, mas de estilo conservador na política (VERÍSSIMO, 1998, p. 282).

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

Na totalidade de sua obra – romances indianistas, históricos, regionalistas e urbanos, havia um projeto de construção de um painel da realidade brasileira, de uma identidade nacional exaltando nosso índio como representante legítimo de nossa cultura.

Em O guarani, a obra de cunho indianista que lhe trouxe grande popularidade, novamente temos o povo indígena retratado não na mesma linha do debate em Valladolid, mas na construção idealizada do índio romântico no personagem Peri. Inserida nos cânones românticos, traz o índio herói totalmente idealizado, poetizado, caracterizado como íntegro, honrado, gentil, fiel e forte. A história de Peri e Ceci (a senhora branca) suscitou nos leitores o gosto pela literatura indianista.

Na estética romântica, o indianismo foi a corrente literária que enalteceu o índio como herói idealizado e valorizado na invenção de seus costumes, estilo de vida e crenças. No entanto, essa idealização mítica não passou de “abrasileirar o mancebo medieval” dentro de uma necessidade de valorizar nossas raízes e nossa natureza, mas ainda sob a ótica etnocêntrica, sob a influência do romantismo europeu.

Com base nas breves informações sobre esses dois nomes consagrados pela história, cada um inserido em um contexto diferente, passaremos à análise que nos propomos fazer neste artigo. Quais razões levaram à escolha do filósofo, do literato e da obra em questão? O que liga um acontecimento do século XVI a uma obra escrita no século XIX? Por que retomar questões do passado e qual relevância elas têm para a contemporaneidade?

A proposta é trabalhar dois argumentos de Sepúlveda e analisar como a força da concepção de mundo neles presente ainda se faz sentir na construção do índio Peri, fazendo a transição do século XVI ao XIX no que tange ao pensamento ideológico e a relações de poder subentendidas tanto na produção de conceitos quanto de uma obra literária. No passar desses três séculos, a própria história foi nos mostrando que essas relações entre saber e poder se mantiveram vivas e foram moldando continuamente todas as outras relações que constituem nossa vida em sociedade.

2. A lógica de Sepúlveda

ISSN: 2359-1064

No debate de Valladolid, Sepúlveda defendeu a submissão social e religiosa dos índios, num momento em que predominava a religião católica unida ao poder político. Nesse contexto, não havia como separar evangelização do projeto colonizador.

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

O que se nota é que, na sua argumentação, ele não era a única voz, mas o reflexo do pensamento da época que considerava os índios bárbaros, portanto escravos naturais. Dessa forma, sua catequização não aconteceria de maneira pacífica, o que respaldava a legitimidade da guerra contra esses povos. Ademais, ela seria uma obrigação dos espanhóis que deveriam salvar os bárbaros da situação em que se encontravam e torná-los cristãos. Nessa ótica, os índios eram bárbaros, selvagens e não tinham alma. Entende-se, assim, na visão do colonizador, o direito que ele tinha de escravizá-los. Tal direito se legitimou, naturalizando uma série de atrocidades cometidas num modelo que buscava a exploração de riquezas.

Sepúlveda, baseando-se no pensamento aristotélico, construiu sua argumentação criando conceitos que inferiorizaram as culturas indígenas e justificaram a escravização natural desses povos. Assim, os indígenas foram tratados como povos de cultura inferior por possuírem costumes bárbaros como a prática do canibalismo e o sacrifício humano; não eram, portanto, civilizados e precisavam de uma cultura superior para que pudessem sair dessa situação de barbárie.

Percebe-se, assim, do ponto de vista antropológico, a inumanidade do outro no argumento. Eles não são gente. Quando se desumaniza um povo, é possível escravizá-lo. Se são inumanos, bárbaros, selvagens, inferiores, tudo pode ser feito. Aplicando essas categorias aos índios, Sepúlveda se aproveitou do conceito de que o índio é escravo por natureza, na Política de Aristóteles, que ele havia traduzido e comentado recentemente.

Na obra Democrates alter, sua argumentação foi construída a partir de um diálogo entre Democrates e Leopoldo.

E sendo isto assim, bem podes compreender, oh, Leopoldo! Se é que conheces os costumes e a natureza de uma e outra gente, pois com perfeito direito os espanhóis imperam sobre estes bárbaros do Novo Mundo e das ilhas adjacentes, os quais em prudência, gênio, virtude e humanidade são tão inferiores aos espanhóis como as crianças aos adultos e as mulheres aos homens, havendo entre eles tanta diferença como a que há entre povos bravios e cruéis e povos clementíssimos, povos prodigiosamente intemperantes e continentos e equilibrados e, digo mais, entre macacos e humanos. (SEPÚLVEDA, s/d, nº 305, tradução nossa).



SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

Aqui se nota, na perversidade do argumento, a inferioridade dos indígenas ante a superioridade dos espanhóis. Fica assim estampada a diferença entre os bárbaros e o homem branco. Com claro direito, os espanhóis imperam sobre os bárbaros do Novo Mundo: “os mais poderosos e mais perfeitos sobre os mais débeis e imperfeitos” (*los más poderosos y más perfectos sobre los más débiles ó imperfectos*)⁶. Portanto, esses seres inferiores são escravos por nascimento, “havendo nascido para obedecer” (*habiendo nacido para obedecer*), povos bestiais que não podem subsistir no meio de pessoas civilizadas. Homens livres não podem conviver com escravos. Totalmente afinado com os interesses do colonizador, Sepúlveda mobiliza a força do argumento para estabelecer essa distinção hierárquica dos seres humanos, recusando a questão da igualdade como algo basicamente natural em nossa sociedade (Marques, 2015, p. 81).

Com esse viés ideológico da inferioridade natural, Sepúlveda deu forma ao conceito e voz aos interesses do colonizador que “têm sua base no direito natural que, embora pareça diverso, se reduz, como ensinam os sábios, a um só princípio, a saber: o perfeito deve imperar e dominar sobre o imperfeito, o excelente sobre o seu contrário” (*tienen su base en el derecho natural, que aunque parezca vario, se reduce, como enseñan los sabios, á un solo principio, es á saber: que lo perfecto debe imperar y dominar sobre lo imperfecto, lo excelente sobre su contrario.*) Nesta argumentação, ele defendeu de todas as formas que aqueles que estão em condição natural, similar às coisas inanimadas, devem obedecer a outros e, se se recusam a essa condição, devem ser submetidos pelas armas.

Um outro aspecto bastante forte na posição defendida por Sepúlveda é o argumento de cunho teológico. Ao lado da inferioridade do indígena, bárbaro e inumano, soma-se a determinada defesa da questão religiosa, segundo a qual, sendo bárbaro, o indígena deve ser salvo e, para isso, se tornar cristão. Recorrendo a Tomás de Aquino na sua argumentação, ele afirma que os selvagens devem ser conduzidos à boa e correta fé cristã, mesmo que para isso seja preciso lançar mão às armas: a salvação eterna é um bem maior (MARQUES, 2015, p. 81).

Sendo bárbaros, praticando o canibalismo e rituais sacrificiais, são condenados por Deus. São seres que vivem numa terra sem fé, sem lei e sem rei. Portanto, todos

⁶ Intencionalmente, no *Democrates alter*, Sepúlveda não menciona o Breve do Papa Paulo III que, de forma totalmente contrária, considera seres humanos os que estão na América. São seres humanos, têm almas. Por óbvio, entende-se que este posicionamento não servia aos interesses do dominicano.

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

pecadores e devem ser conduzidos à santa lei de Deus. No *Democrates alter*, Sepúlveda argumenta:

Se queres reduzi-los, portanto, não digo à nossa dominação, senão a uma servidão um pouco mais branda, não lhes há de ser muito grave o mudar de senhores e, em vez dos que tinham, bárbaros, ímpios e inumanos, aceitar os cristãos, cultivadores das virtudes humanas e da verdadeira religião. Tais são, em suma, a índole e costumes destes homenzinhos tão bárbaros, incultos e inumanos, e sabemos que assim eram antes da vinda dos espanhóis; e isso, uma vez que não falamos de sua ímpia religião e dos nefandos sacrifícios em que veneram ao demônio como Deus, a quem não creem haver melhor oferta que corações humanos. E mais, que isto possa receber sã e piedosa interpretação, eles se atinham não ao espírito que vivifica (segundo as palavras de São Paulo), mas a uma letra que mata, e entendendo as coisas de um modo néscio e bárbaro, sacrificavam vítimas humanas, e arrancando-lhes os corações do peito, e os oferecendo em seus nefandos apreços, e com isto criam aplacar seus deuses conforme o rito, e eles mesmos se alimentavam com as carnes dos homens sacrificados. Estas maldades excedem de tal modo toda a perversidade humana, que os cristãos as consideram como os mais ferozes e abomináveis crimes. (SEPÚLVEDA, s/d, nº 315, tradução nossa)⁷

Novamente se legitima a ação do colonizador que está oferecendo a eles algo melhor que a situação de selvageria em que vivem. É um povo que sofre a maldição do pecado. São os degredados, malditos filhos de Can. A diferença é vista aqui como uma manifestação do mal. Assim sendo, a escravidão será um bem, pois os europeus vão humanizá-los e tirá-los desta situação de barbárie.

Nessa defesa ferrenha da religião cristã, o argumento leva a crer que os europeus são instrumentos de Deus para levar esses povos ao bom caminho. Ademais, ele buscava reforçar a necessidade de propagar o cristianismo. Os índios sofrem, assim, uma

⁷ “Por tanto si quieres reducirlos, no digo á nuestra dominación, sino á una servidumbre un poco más blanda, no les ha de ser muy gravoso el mudar de señores, y en vez de los que tenían, bárbaros, impíos é inhumanos, aceptar á los cristianos, cultivadores de las virtudes humanas y de la verdadera religión. Tales son en suma la índole y costumbres de estos hombrecillos tan bárbaros, incultos é inhumanos, y sabemos que así eran antes de la venida de los españoles; y eso que todavía no hemos hablado de su impía religión y de los nefandos sacrificios en que veneran como Dios al demonio, á quien no creían tributar ofrenda mejor que corazones humanos. Y aunque esto pueda recibir sana y piadosa interpretacion, ellos se atenían no al espíritu que vivifica. (según las palabras de San Pablo), sino á la letra que mata, y entendiendo las cosas de un modo necio y bárbaro, sacrificaban víctimas humanas, y arrancaban los corazones de los pechos humanos, y los ofrecían en sus nefandas aras, y con esto creían haber aplacado á sus dioses conforme al rito, y ellos mismos se alimentaban con las carnes de los hombres sacrificados. Estas maldades exceden de tal modo toda la perversidad humana, que los cristianos las cuentan entre los más feroces y abominables crímenes”.

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

profunda agressão também na questão religiosa. Com o argumento teológico, novamente se legitima toda a crueldade da colonização em níveis desumanos.

Dentro da defesa de Sepúlveda, a escravidão dos povos indígenas seria necessária para que povos de cultura inferior pudessem ser evangelizados e catequizados de acordo com as culturas superiores o que, conseqüentemente, facilitaria a expansão da fé cristã.

Pensar a relação entre os povos originários e os conquistadores foi um desafio desde a chegada dos espanhóis e portugueses; direitos morais, jurídicos e políticos estão na pauta dos intelectuais e acadêmicos em ambos os lados do Atlântico e amplamente desenvolvidos pela Escola de Salamanca. Há uma preocupação por equacionar dominação com salvação, e o tema do direito de conquista e evangelização está na ordem do dia. (CULLETON, 2016)

A salvação dos povos bárbaros ocupou espaço no debate de Valladolid por também servir a interesses coloniais e, completando o argumento antropológico, justificar a dominação de todos esses povos. O colonizado deve se conformar e aceitar a ideologia, os valores e a religião do colonizador. Deve se submeter à nova ordem e reconstruir sua vida. Uma perfeita prática política que estabeleceu uma sórdida relação de poder.

No debate, Sepúlveda se baseou na história sagrada para mostrar que costumes indígenas – idolatria, antropofagia, sacrifícios humanos – eram e sempre foram condenados por Deus. Justificava-se, assim, a guerra e se vingariam os pecados cometidos.

A segunda causa que justifica a guerra contra os bárbaros é que seus pecados, impiedades e torpezas são tão nefastos e tão vergonhosos a Deus que, ofendido principalmente por eles, destruir com o dilúvio universal a todos os mortais, exceto Noé e uns poucos inocentes, como [dizem] aquelas palavras da Sagrada Escritura: “corrompeu-se toda a terra diante do Senhor”. (SEPÚLVEDA, s/d, nº 315)⁸

Constata-se que tanto o argumento antropológico quanto o teológico legitimam a força do *eu civilizado* em detrimento do *outro inferiorizado* que se apresenta como uma ameaça e deve ser destruído. O outro é destituído de suas características, de sua cultura

⁸ SEPÚLVEDA, s/d, nº 315: “La segunda causa que justifica la guerra contra los bárbaros es que sus pecados, impiedades y torpezas son tan nefandos y tan aborrecidos por Dios, que ofendido principalmente con ellos, destruyó con el diluvio universal á todos los mortales exceptuando á Noé y á unos pocos inocentes. Porque aquellas palabras, de la Sagrada Escritura: «Corrompióse toda la tierra delante del Señor.”

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

e de seu mundo e obrigado a se submeter a uma invenção sórdida elaborada a partir do lugar e dos valores europeus. Ou seja, o outro só existe a partir do momento em que é encontrado ou descoberto, momento em que sua imagem vai sendo construída, moldada dentro de uma hierarquia criada a partir de uma visão etnocêntrica do colonizador. Esse enfraquecimento do outro interessa ao projeto colonial e dá força à autoridade do colonizador. Nesse sentido, a argumentação de Sepúlveda foi fundamental para que se construísse a alteridade e o outro e os sujeitassem ao *éthos* estabelecido pelo poder centralizado nas mãos do europeu.

3. Sepúlveda sobrevive no personagem Peri?

A partir desses pressupostos, passamos à análise da construção do personagem indígena Peri na obra *O guarani*. Análise essa que tenciona mostrar como todos os conceitos criados por Sepúlveda permanecem vivos no imaginário coletivo do século XIX, digo, no imaginário alencariano, numa forma de pensar o mundo ideologicamente ainda presa a uma visão etnocêntrica e ligada a valores de um *éthos* que, após três séculos, guarda uma grande influência europeia; guarda a afirmação da dita superioridade do branco em relação aos povos originários gerada pela invenção da inferioridade desses povos; guarda toda a descaracterização do seu passado, sua cultura, estilo de vida e religião; guarda, enfim, toda a barbárie cometida que legitimou o imperialismo no fatídico encontro entre europeus e ameríndios.

O personagem indígena Peri, para se tornar herói nacional, idealizado e mítico, teve que se curvar à cultura do colonizador que se vê refletida na relação senhor/escravo, o *éthos* senhorial que perpassa toda a obra. Antes de se tornar herói, o índio teve que ser feito escravo para servir à senhora branca Cecília e sua família⁹. Nesta relação senhor/escravo, Ceci/Peri, fica marcada a dominação cultural que exigiu a submissão do indígena cuja servidão deixa claro que ainda está viva a superioridade do branco europeu simbolizada, na obra, pela família do português D. Antônio de Mariz.

De um lado, o colonizado, de outro, o colonizador. De um lado, o índio chefe da nação Goitacá, com pele cor do cobre, cabelos pretos cortados rentes, tez lisa. De outro, a jovem Cecília, de olhos azuis, cabelos louros, tez alva, hálito doce e puro. Para se

⁹ Aprofundamos nossos estudos também sobre essa questão nos críticos literários Alfredo Bosi, José Veríssimo e José Guilherme Merchior. Alfredo Bosi, na análise do indianismo em Alencar, usa a expressão “um mito sacrificial”.

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

unirem esses dois lados, foi necessária a transformação de um chefe em vassalo, num perverso jogo de dominação que tem como eixo central a submissão do indígena. Ou seja, Peri, o grande herói nacional, teve, antes, que se converter à visão de mundo do colonizador, conversão essa que simboliza a sua destruição total.

Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade. (ALENCAR, 1996, p. 36)

Essa passagem da obra nos leva a concluir que provavelmente o autor está fazendo uma meta-análise do seu próprio personagem. Podemos, assim, observar níveis distintos de fala: a fala do índio Peri e a fala do próprio Alencar sobre Peri. Esse índio dócil e pacificado se encaixa perfeitamente nessa construção de um herói rebuscado e idealizado dentro da estética romântica que o reveste de valores expressamente condizentes com a visão etnocêntrica ainda presente nas obras deste momento. Peri, após essa transfiguração, em nada mais se assemelha aos povos originários considerados bárbaros e selvagens, afastando-se aos poucos de sua própria cultura. O vassalo amoroso e fiel morre para a sua cultura e o seu passado e, sacrificado, renasce como um nobre cavalheiro, condição indispensável para a convivência com o branco civilizado.

Não há dúvida, disse D. Antônio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecília quis fazer-lhe a vontade com risco de vida. É para mim uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter desse índio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroísmo. Crede-me, Álvaro, é um cavalheiro português no corpo de um selvagem! (ALENCAR, 1996, p. 30)

Nesse processo de conversão, o índio abandona a própria tribo para, obedecendo à senhora branca, adotar para si a casa de D. Antônio. “Peri só ama o que a senhora ama; porque só ama a senhora neste mundo: por ela deixou sua mãe, seus irmãos e a terra onde nasceu” (Alencar, 1996, p. 94). Vale ressaltar que a obra foi produzida em um momento de contrastes em nosso país. Após a independência, havia dois polos: de um lado, a colônia que se emancipava e, de outro, a Metrópole que se mantinha firme na

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

defesa de sua maior fonte de riquezas. A colônia tentando se erguer, moldando sua própria identidade, a Metrópole resistindo à perda de sua maior conquista.

Segundo esse desenho de contrastes, o esperável seria que o índio ocupasse, no imaginário pós-colonial, o lugar que lhe competia, o papel de rebelde. Era, afinal, o nativo por excelência em face do invasor; o *americano*, como se chamava, metonimicamente, *versus* o europeu.

Mas não foi precisamente o que se passou em nossa ficção romântica mais significativa. O índio de Alencar entra em íntima comunhão com o colonizador. Peri é, literal e voluntariamente, escravo de Ceci, a quem venera como sua *lara*, “senhora”, e vassalo fidelíssimo de dom Antônio. No desfecho do romance, em face da catástrofe iminente, o fidalgo batiza o indígena, dando-lhe o seu próprio nome, condição que julga necessária para conceder a um selvagem a honra de salvar a filha da morte certa a que os aimorés tinham condenado os moradores do solar (BOSI, 1992, p. 177)

Percebe-se, na construção do personagem, uma entrega incondicional do índio ao branco, o que implicou sacrifício e abandono de toda a sua história. É clara a postura ideológica que está subjacente a essa construção. A nobreza e o heroísmo só foram conquistados com o total sacrifício de sua vida.

Não temos por objetivo analisar outras questões como o patriotismo do narrador, a busca de valorização da nossa terra, o nacionalismo romântico, a beleza de sua prosa lírica, enfim, o que nos interessa é ver que esse índio herói, valente, belo, forte e fiel foi construído em sintonia com a visão imposta pelo colonizador ainda forte em pleno século XIX. Aparentemente, a obra passa para o leitor uma construção normal, um sacrifício natural e nobre, dada a força dos conceitos ainda vigentes e da ligação ainda forte do nosso indianismo com as narrativas europeias que focalizavam o cavaleiro medieval.

Essa análise nos leva a crer que toda a argumentação e ideologia de Sepúlveda em prol do projeto imperialista “venceu” o debate pelo que se vê na evolução dos acontecimentos no percurso histórico que se sucedeu e se faz presente na produção literária de épocas posteriores. O fato de o índio Peri não brilhar por si mesmo nesta busca de valorização do indígena como herói, representativo da nação, nos leva também a crer que a força dos conceitos por ele (Sepúlveda) defendidos três séculos antes continua ofuscando o brilho do nosso índio ainda sufocado por um processo de etnocídio entranhado em nossa cultura.

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

A “nova” identidade indígena foi construída pelo discurso estrangeiro que mostra tanto a visão do “superior” quanto o lugar a que foi condenado aquele que é inferiorizado, reunindo ambas as faces: colonizador e colonizado. Como se pode notar nestes recortes:

- Aqui sou português! Aqui pode respirar à vontade um coração leal, que nunca desmentiu a fé do juramento. Nesta terra que me foi dada pelo meu rei, e conquistada pelo meu braço, nesta terra livre, tu reinarás, Portugal, como viverás n’alma de teus filhos. Eu o juro! (ALENCAR, 1996, p. 6)
- Minha filha te agradece o sacrifício, Peri, continuou o fidalgo; mas nem ela nem eu queremos que abandones a tua tribo.
- A senhora mandou, respondeu o índio.
- Ela queria ver se tu lhe obedecias: conheceu a tua dedicação, está satisfeita; consente que partas.
- Não!
- Mas os teus irmãos, tua mãe, tua vida livre?
- **Peri é escravo da senhora.** (ALENCAR, 1996, p. 83. Grifo nosso)

Um outro elemento a se considerar nesse processo de construção do personagem é o contraste ideológico entre Peri e os Aimorés. Ambos são indígenas, mas a eles é dado na obra um tratamento completamente distinto. Enquanto Peri é cavalheiro, gentil, honrado, fiel, íntegro, os Aimorés são “selvagens”, “bárbaros”, “ferozes”, “carniceiros”, têm “cabelos arruivados”, “lábios decompostos”, “dentes agudos como a presa do jaguar” e “grandes unhas negras retorcidas”. Toda essa carga negativa na caracterização desses indígenas vem ao encontro de nossa reflexão. Por que estão em lados tão extremos? Justamente porque os Aimorés não passaram pela transformação imposta pelos espanhóis que representam metonimicamente a postura do conquistador europeu. Não foram ainda “domesticados” para que pudessem conviver num ambiente civilizado. Ademais, no estado de selvageria em que se encontravam, eram os inimigos, uma ameaça iminente à família de D. Antônio que representa os portugueses no pequeno “feudo” estabelecido às margens do *Paquequer*. Nota-se também um outro contraste nesses dois polos: a questão sentimental: amor/ódio – de um lado, Peri, que *ama* Ceci; de outro, os Aimorés, que *odeiam* os brancos da família de D. Antônio de Mariz.

Mais uma vez, a narrativa de Alencar nos dá fortes indícios de que o discurso de Sepúlveda, ou melhor, a compreensão sepulvediana, a visão do colonizador, está presente no tratamento dado aos índios que participam do enredo e constitui uma constante no imaginário coletivo depois de séculos. De maneira bastante naturalizada, o

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

pensamento europeu se coloca, e aqui, através da literatura, mostra sua força em pleno século XIX.

Complementando esse viés do discurso de Sepúlveda na obra, precisamos analisar também a vivacidade do aspecto religioso que ocupa um espaço substancial na narrativa. Na condição de selvagem, o índio devia ser evangelizado e se tornar cristão. Mais uma vez, um gesto nobre do conquistador que tem o “dever” de tirar os povos originários da completa barbárie em que se encontram. Em sintonia com os argumentos de Sepúlveda, volta na narrativa o *status* conferido à religião cristã como única e verdadeira. Desprovido de sua história, de seu passado, de sua cultura, o índio também será obrigado a se despojar de suas crenças e assimilar a religião cristã. O cristianizar-se também é condição fundamental para que seja recompensado e os pecados cometidos (canibalismo, antropofagia e sacrifícios) sejam perdoados.

No desenlace da narrativa, acontece o batismo do índio Peri, questão básica para que ele pudesse salvar Ceci da tragédia iminente que se aproximava.

D. Antônio (...) atravessou o espaço que o separava de sua filha, e, tomando a mão de Peri, disse-lhe com uma voz profunda e solene:

— Se tu fosses cristão, Peri!...

O índio voltou-se extremamente admirado daquelas palavras.

— Por quê?... perguntou ele.

— Por quê?... disse lentamente o fidalgo. Porque se tu fosses cristão, eu te confiaria a salvação de minha Cecília, e estou convencido de que a levarias ao Rio de Janeiro, à minha irmã.

O rosto do selvagem iluminou-se; seu peito arquejou de felicidade; seus lábios trêmulos mal podiam articular o turbilhão de palavras que lhe vinham do íntimo da alma.

— Peri quer ser cristão! exclamou ele.

D. Antônio lançou-lhe um olhar úmido de reconhecimento.

— A nossa religião permite, disse o fidalgo, que na hora extrema todo o homem possa dar o batismo. Nós estamos com o pé sobre o túmulo. Ajoelha, Peri!

O índio caiu aos pés do velho cavalheiro, que impôs-lhe as mãos sobre a cabeça.

— Sê cristão! Dou-te o meu nome.

Peri beijou a cruz da espada que o fidalgo lhe apresentou, e ergueu-se altivo e sobranceiro, pronto a afrontar todos os perigos para salvar sua senhora. (ALENCAR, 1996, p. 231-2)

ISSN: 2359-1064

O índio, através do batismo, é convertido ao cristianismo e ganha a alma de um cavalheiro e também um nome. Mais uma faceta do processo civilizador por que passa o índio, resignando-se completamente diante do poder exercido pelo europeu. Incorporar

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

elementos da cultura e da religião do conquistador é uma mostra de que, nessa relação desigual, o “apagamento” do índio era condição básica para justificar a escravidão como algo natural e necessário. Mesmo assim, construído e incorporado ao imaginário romântico, o índio herói ainda não foi aceito como parte de nossa sociedade. “Peri é um selvagem, disse o índio tristemente; não pode viver na taba dos brancos. (...) Peri na taba dos brancos, ainda mesmo junto de ti, será como esta flor; tu terás vergonha de olhar para ele” (ALENCAR, 1996, p. 244).

Alencar, construindo o índio com base nesse par senhor/escravo, em consonância com os valores do branco europeu, denota que, na produção romântica brasileira, a busca pela construção de uma identidade nacional, de um painel da realidade brasileira, de exaltação do nosso índio como representante legítimo de nossa cultura ainda não tinha se solidificado. O que era para ser uma resposta aos anseios de um país em formação nacional não passou de “um enobrecimento do ameríndio, uma idealização mítica” (MERCHIOR, 2014, p.145).

A servidão naturalizada do índio mostra que o projeto colonial obteve sucesso e se impregnou de maneira profunda na mentalidade de um povo que foi submetido ao sacrifício extremo. A voz de Sepúlveda e, nesse sentido, toda a retórica colonial, ecoaram pelas Américas e ultrapassaram a dimensão temporal, estando viva três séculos depois, e, quiçá, até nossos dias, em tantas posturas que ainda nos remetem ao discurso formulado em Valladolid e que mudaria para sempre a vida de um povo que era livre e que não foi consultado a respeito da perversa “invenção” de sua nova identidade. Aliás, recordemos a crítica de O’Gorman (1992), o Novo Mundo não estava à espera de um Colombo nem era necessária sua invenção, uma vez que sua história era tão longa e nobre quanto a do Velho Mundo. “Peri tinha abandonado tudo por ela; seu passado, seu presente, seu futuro, sua ambição, sua vida, sua religião mesmo; tudo era ela, e unicamente ela; não havia pois que hesitar” (ALENCAR, 1996, p. 247). A violência brutal¹⁰

¹⁰ Como não é nosso propósito aprofundar a questão dos níveis extremos da violência cometida, citamos aqui o cientista político Achille Mbembe, na sua *Crítica da razão negra*. Ele faz uma profunda reflexão sobre a tripla dimensão da violência: no comportamento cotidiano do colonizador, a respeito do passado do colonizado e a violência quanto ao seu futuro. “O corpo do colonizado deve tornar-se seu túmulo. O ‘comando’ não procura apenas criar danos em nome da ‘civilização’. O acto de mandar vem sempre acompanhado pela vontade de humilhar o indígena, insultá-lo, fazê-lo sofrer, tirando uma certa satisfação do sofrimento, da piedade ou da repulsa que eventualmente suscita. E se, no fim, for necessário tirar-lhe a vida, a sua morte deve acontecer, tanto quanto possível, o mais perto possível da lama. Transformado numa sombra errante, deve passar pela morte sem se cruzar com ela.” (MBEMBE, 2014, p. 189)

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

do discurso de Sepúlveda fez silenciar os “inferiores e selvagens” cujo lugar não serviria a uma convivência comum com os “superiores e civilizados”, o que ainda, através do que analisamos na construção do índio Peri, fica perceptível em pleno século XIX.

Como cantava Baby Consuelo, Baby do Brasil¹¹: “Antes que o homem aqui chegasse / Às Terras Brasileiras / Eram habitadas e amadas / Por mais de 3 milhões de índios / Proprietários felizes / Da Terra Brasilis”. Em nome de um projeto brutal, tudo que significasse ameaça foi violentamente destruído em razão de uma “inferioridade natural” absurdamente criada e legitimadora de toda a barbárie. A letra da canção nos diz que “Todo dia era dia de índio / E no entanto, hoje / O seu canto triste / É o lamento de uma raça que já foi muito feliz (...)Curumim, Cunhatã / Cunhatã, Curumim”.

Os índios tinham sua própria organização, seus costumes, seu estilo de vida, suas crenças que, quando encontradas pelo “outro”, se tornaram um empecilho para um projeto de exploração avassalador que arrasou milhões deles, restando apenas o “lamento” de poucos que ainda hoje sofrem as consequências dessa avalanche que foi o imperialismo europeu na visão estereotipada que ainda se mantém em pleno século XXI.

Considerações finais

A análise de todos os pressupostos que envolveram a argumentação de Sepúlveda e a construção do personagem indígena Peri nos deram elementos suficientes para afirmar que a concepção de mundo do europeu imposta aos povos originários foi tão forte a ponto de perpassar séculos e continuar influenciando a postura e o comportamento de uma sociedade ainda fortemente conservadora em pleno século XIX.

A associação da mentalidade vigente no século XVI à mentalidade que se pôs à mostra em uma obra literária produzida três séculos depois nos faz refletir sobre a manutenção de uma forma de pensar que, ideologicamente, ainda está presa aos conceitos criados e inventados pelo europeu em prol do investimento imperialista. A distância entre os dois contextos é grande, pensando no tempo cronológico, mas, apesar disso, a concepção construída só se fortaleceu e permaneceu viva no inconsciente coletivo a ponto de um herói ser, ao mesmo tempo, escravo, em nada escandalizar a sociedade e o grupo leitor da época, senão também a nossa sociedade hoje.

¹¹ BABY DO BRASIL, Música *Todo dia era dia de índio*. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/baby-do-brasil/365271/>> Acesso em 02/12/2020.

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

Tantas polaridades – senhor/escravo, colonizador/colonizado, superior/inferior, civilizado/bárbaro, cristão/pagão, branco/bugre – contribuem para confirmar a nossa hipótese anterior de que o pensamento eurocêntrico permanece vivo. O indígena continua um estranho à condição humana. Legitima-se, assim, toda e qualquer atrocidade que se comete contra um inimigo, um escravo por natureza. Sua intrínseca inferioridade dá ao europeu todo o direito de explorá-lo e subjugar-lo. Somente a raça e a religião dos conquistadores é legítima. Entende-se, assim, a questão que nos inquietava: um índio tem que ser antes escravizado, pacificado, docilizado, cristianizado e convertido para só depois ganhar o *status* de herói, protetor e poder penetrar o lugar do outro. A construção dessa consciência negativa sobre o índio levou-o a um apagamento de sua história e a um completo esvaziamento de sua vontade na inteira sujeição ao outro europeu.

O que antes do encontro entre as duas partes separadas pelo Atlântico era vida plena com todo um modo de ser distinto do que era considerado o mundo da época foi cruelmente dizimado dando lugar ao “novo” forjado, inventado, construído com vistas à garantia de interesses políticos e econômicos.

Analisando o pensamento subjacente à argumentação de Sepúlveda e à parte da Igreja Católica que apoiava o projeto colonial e refletindo sobre a postura do escritor romântico Alencar ainda influenciado pela mesma forma de ver o mundo, podemos dizer que tal pensamento se fortaleceu durante os séculos, continuando vivo e nos permitindo pensar que muitas questões que envolvem nossa sociedade hoje ainda sofrem as consequências da potência colonial.

Ainda hoje o índio é estereotipado, considerado improdutivo, reforçando sua marginalização, apesar do mito da democracia racial e, não por acaso, Alencar continua até hoje sendo vivamente lido e citado nos livros didáticos. A relação desigual criada na colonialidade nos faz ainda hoje dependentes, joga grupos de marginalizados no total abandono, num regime de exploração pelas classes opressoras, as situações de injustiça se avolumam, sendo legitimadas por um discurso que gera exclusão. Enfim, a subalternidade defendida por Sepúlveda e vivida pelo índio de Alencar ainda não foi extirpada. Chegou ao século XIX com toda força e, com uma nova roupagem, influencia posturas e comportamentos ainda na contemporaneidade.



SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

Referências

ALENCAR, J. **O guarani**. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000135.pdf>>. Acesso em 26/10/2020

BABY DO BRASIL. **Música Todo dia era dia de índio**. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/baby-do-brasil/365271/>>. Acesso em 02/12/2020.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

José de Alencar, **Biografia**. Disponível em <[https://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar/biografia#:~:text=Biografia&text=Jos%C3%A9%20de%20Alencar%20\(Jos%C3%A9%20Machado%20de%20Assis\)](https://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar/biografia#:~:text=Biografia&text=Jos%C3%A9%20de%20Alencar%20(Jos%C3%A9%20Machado%20de%20Assis))>. Acesso em 30/11/2020

Juan Guinés de Sepúlveda, **Biografia**. Disponível em <<http://www.filosofia.org/ave/001/a293.htm>>. Acesso em 20/11/2020.

CULLETON, A. **Escola Ibero-americana e a filosofia sobre um mundo em expansão**. In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, ano XVI, n. 444, 2014. Disponível em <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5507-alfredo-santiago-culleton-2>> Acesso em 01/12/2020.

CULLETON, A. **Escola Ibero-americana e a filosofia sobre um mundo em expansão**. In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, ano XVI, n. 487, 2016. Disponível em <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6490-alfredo-culleton-10>>. Acesso em 25/11/2020

MARQUES, L.Á. **Philosophia brasiliensis: história, conhecimento e metafísica no período colonial**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. 1. ed. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014.
O'GORMAN, E. **A invenção da América**. Trad. A. M. M. Corrêa e M. L. Bellotto. São Paulo: Unesp, 1992.

MERCHIOR, J.G. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: É Realizações, 2014.

SEPÚLVEDA, J.G. **Democrates alter sive de justis belli causis apud Indos**. Disponível em <<https://www.college.columbia.edu/core/content/democrates-alter-orjust-causes-war-against-indians-0>> Acesso 20/4/2018.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ISSN: 2359-1064



SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á.

Como citar este artigo (ABNT)

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á. **SEPÚLVEDA VIVO / PERI SACRIFICADO** Vida e sacrifício: uma construção do discurso colonial. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 8, n. 2, p. XXX-XXX, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

SÁ, Á. A.; MARQUES, L. Á. (2021). **SEPÚLVEDA VIVO / PERI SACRIFICADO** Vida e sacrifício: uma construção do discurso colonial . Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Recebido em: 28/05/2021

Aprovado em: 28/07/2021

Publicado em: 31/07/2021



INICIAÇÃO
&
FORMAÇÃO
DOCENTE

ISSN: 2359-1064